

Marília Facó Soares*
(MN/UFRJ, CNPq)

Traduções, acervos e elaboração de material didático em contexto indígena**

ABSTRACT: Taking the Tikuna people and their language as reference, this article focuses on three significant areas in the production of meaning: translations, collections, and preparation of teaching materials in an indigenous context. The chosen focus is based on the concern with approximation, through meaning, of one 'other', whose representation references are different from those of the analyst, and whose mother tongue has surface characteristics which are further apart from those the analyst systematically uses first as part of his own linguistic universe. The article attempts to provide a response to the issue of approximation of meaning, drawing attention to the articulation of the linguistic dimension with other dimensions permeated by meaning.

Keywords: Translation; Collections; Education; Tikuna; Indigenous Languages.

RESUMO: Tendo como referência o povo Ticuna (Tikuna) e sua língua, este artigo focaliza três lugares propiciadores de encontros na produção de sentidos: traduções, acervos e elaboração de material didático em contexto indígena. Na base da focalização efetuada está a preocupação com a aproximação, pela via dos sentidos, de um Outro cujas referências de representação são diferentes daquelas do analista e cuja língua materna apresenta características de superfície que se revelam como mais afastadas daquelas a que o analista sistematicamente recorre como parte de seu próprio universo linguístico primeiro. O artigo ensaia uma resposta para a questão da aproximação dos sentidos, chamando a atenção para a articulação da dimensão linguística com outras dimensões permeadas de sentidos.

Palavras-chave: Tradução; Acervos; Educação; Ticuna (Tikuna); Línguas indígenas.

* Professora Titular de Linguística do Museu Nacional/UFRJ. Atua no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS), no Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PROFLLIND) - ambos no Museu Nacional/UFRJ - e no Programa de Pós-graduação em Linguística (POSLING), na Faculdade de Letras/UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (IC).

** Texto relacionado à participação da autora no seminário 'Universidade, inclusão social e luta contra a desigualdade. Contribuições da Antropologia do PPGAS/Museu Nacional', realizado de 23 a 25 de setembro de 2015, no Colégio Brasileiro de Altos Estudos -CBAE/UFRJ [Participação na mesa-redonda 'Exposições, traduções e material de didático', em 25 de setembro de 2015].

A palavra sentido possui um lugar de relevo e sobre ela temos que nos deter um pouco, adotando uma posição. Entre as diferentes possibilidades de entendimento do que seja 'sentido', encontra-se uma afirmação que se repete em algumas delas¹ e em favor da qual nos posicionamos: a de que os sentidos não são estáticos ou fixos e, por serem assim, não permanecem quietos, se movem. José Saramago, que não era antropólogo, nem linguista, mas um grande escritor, chegou a escrever que "...o sentido ... ferveilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direcções irradiantes..."² Se os sentidos se movem, migram, mudam/ se alteram, deslizam, como apreendê-los sem aprisioná-los? Sobretudo, como apreendê-los em palavras, textos ou mesmo silêncios/gestos de um Outro, quando esse último possui referenciais de representação diferentes e tem por língua materna uma língua distinta da do analista, quando essa língua é, por exemplo, indígena e apresenta características de superfície que se revelam como mais afastadas daquelas a que o analista sistematicamente recorre como parte de seu próprio universo linguístico primeiro (língua materna³)? Como chegar perto dos sentidos, nesse caso, minimizando os riscos do engano? Ensaíamos a seguir uma resposta a perguntas como essas, focalizando três lugares que, a nosso ver, propiciam encontros na produção de sentidos: traduções, acervos e elaboração de material didático em contexto indígena. Na focalização efetuada, chamamos a atenção para a articulação da dimensão linguística com outras dimensões permeadas de sentidos.

1. Traduções

Do meu ponto de vista, entendo que os riscos do engano, em traduções, podem ser minimizados quando tentamos, humildemente, nos aproximar, chegar mais perto, sem as ilusões da apreensão categórica. Por essa razão, ao falar de tradução, sempre foi minha opção falar de **tradução aproximada**. Para além da evitação dos riscos de enganos, há outros elementos a sustentar essa minha opção. Sou uma linguista que tem uma produção majoritariamente ligada a línguas indígenas como objeto de análise e interesse. Nessa minha vida de linguista, sei que nem tudo na Linguística que toma as línguas indígenas como seu objeto de interesse se resume à elicitação de dados. Assim, não deixei de registrar canções, entrevistas, discussões e narrativas. No entanto, conferir tratamento a algo para o qual não existe um roteiro (um *script*) previamente fornecido não é algo tão simples, mesmo naqueles casos para os quais se poderia pensar em uma representação por meio de uma dentre as diferentes propostas voltadas para o registro de produções linguísticas que ultrapassam o domínio da sentença.⁴ Isso porque, a meu ver, é preciso compreender esses

¹ Observamos que a recorrência de uma tal afirmação - em meio às diferentes acepções do que seja 'sentido' em distintos quadros teóricos - constitui um viés por meio do qual se manifestam tentativas de ultrapassar a distinção (e os problemas que essa coloca) entre sentido e referência.

² "...o sentido não é capaz de permanecer quieto, ferveilha de sentidos segundos, terceiros e quartos, de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pelo espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições." (In Saramago, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998: 134-135).

³ Vale lembrar que há uma distinção a ser mantida entre língua materna, língua oficial, língua nacional.

⁴ Há técnicas bastante elaboradas de transcrição levadas para o discurso, mas essas, por si próprias, não suprimem nem minoram o problema da interpretação em uma língua que não seja a mesma do analista, muito embora sejam importantes para a compreensão da "arquitetura" discursiva em jogo.

últimos materiais sob uma ótica que incorpora a interpretação do falante nativo – o que somente se dá, creio eu, se se caminha na direção de uma tradução aproximada do que é dito na língua objeto de estudo. A tradução que chamo de aproximada não é, claramente, a tradução literal, porque não há sentido literal, e sim efeitos de sentido entre locutores. Também não é a tradução livre, que, conduzida pelas necessidades da língua receptora da tradução, elimina elementos importantes e constantes de um texto original ou a esse faz acréscimos indevidos por uma falta de compreensão maior do que se encontra nesse texto original. A tradução aproximada não é igualmente uma simples recomposição da tradução justalinear (interlinear), tão necessária em trabalhos de Linguística que envolvem segmentação morfológica e a língua sob análise, sobretudo quando essa, menos conhecida, não é a língua do analista e a de seus leitores. A meu ver, a tradução aproximada, de alguma forma, tentaria apreender, tanto quanto possível, as possibilidades de interpretação de um original por um nativo, respeitando o movimento retórico desse original, sem impedir a existência de uma tradução justalinear e sem se confundir com essa última. Como alcançar uma tradução aproximada assim concebida, ao se trabalhar com uma língua indígena? Essa, para mim, nunca foi uma pergunta retórica, mas uma pergunta real que mantém a sua atualidade e merece uma resposta. A partir do meu primeiro trabalho de campo entre os Ticuna (ou Tikuna),^{5 6} com um conjunto de textos coletados, foi forte, em mim, o desejo

⁵ Os membros da etnia Ticuna (Tikuna) se distribuem por três países – Brasil, Peru e Colômbia -, estando a maior parte das comunidades no lado brasileiro. O Ticuna é uma língua tonal, possuidora de um número bastante alto de falantes. Para os que desejam se aproximar da língua Ticuna, quer para informações de ordem mais geral, quer para uma introdução a aspectos linguísticos mais específicos, é possível consultar, entre outros, dois textos que escrevi e se encontram disponíveis no site do Instituto Socioambiental (ISA), na parte desse site relativa à Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil. Ambos os textos podem ser acessados a partir dos seguinte endereços: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ticuna/1949>; [http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/ticuna/lingua_ticuna\(1\).pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/ticuna/lingua_ticuna(1).pdf)

⁶ Para a questão de ser o Ticuna (Tikuna) uma língua isolada ou, em outros termos, para uma visão nuançada das possibilidades de relação genética do Ticuna com outra(s) língua(s), ver – entre outros - Nimuendajú (1952), Kaufman (1994), Campbell (1997) e Carvalho (2009). Campbell (1997: 184) reconhece que a hipótese da existência de um possível agrupamento Yuri -Ticuna nasceu em trabalhos de outro autores: “*Yuri-Ticunan [Júri-Tikuna stock] Greenberg and Swadesh group these, and Kaufman (1994: 62) finds that there is lexical evidence in support of such a grouping*”. Nimuendajú (1952: 158) teve o cuidado de considerar determinadas formas pronominais do Ticuna em comparação com formas pronominais correspondentes do Yuri. Ao comparar seus próprios dados do Ticuna com possíveis equivalentes em outras línguas (Idem, p. 156-158), também notou similaridades entre o Tikuna e o Yuri, a partir das listas vocabulares de Spix e Martius sobre essa última língua: “*The similarities with Yuri are fewer, but not less in importance, and it is regrettable that we lack phonetically written vocabularies of this language; I myself did not find anyone who still spoke it*” (p. 156); “*The Tikuna forms for the first person singular (masc.) and the first person plural (masc.) of certain pronouns correspond to the Tupí, as well as the Yuri, forms. These are: First person singular (mas.) ça ; First person plural (mas.) ta*” (p. 158). Devido a características distintivas do Tikuna (como as formas de terceira pessoa, marcadas por gênero e noções de localidade e tempo), Nimuendajú considerou preferível, porém, considerar o Tikuna, “for the time being”, como uma língua isolada, tal como o haviam feito Alexander F. Chamberlain e Günter Tessmann (Chamberlain, A. F. 1910. Sur quelques familles linguistiques peu connues ou presque inconnues de l’Amérique du Sud. *Journal de La Société des Américanistes*, n.s., 7:179-202; Tessmann, G. 1930. Die Indianer Nordost-Perus. Hamburg). Quanto a Carvalho (2009), esse é um trabalho que almeja reunir evidências relevantes para aplicação dos instrumentos do método comparativo, tendo por base desenvolvimentos da teoria fonológica. Ao expor seus argumentos sobre a possibilidade de ser o Yuri uma língua irmã do Ticuna, Carvalho (2009) deixa claro que leva à frente “*a hypothesis qualified as “promising” in the reference works of investigators of the historical linguistics of South America*” – hipótese essa que não teria recebido precedentemente a devida atenção, de forma compartilhada.

de me aproximar do texto original. Afinal, como chegar perto desse original, tentando minorar os riscos do engano? Naquele momento, a minha iniciativa foi a de me valer de uma estratégia que, intuitivamente, encontrei. Eu viajava com dois gravadores: um deles um UHER 4.000 Report – IC,⁷ então um equipamento sofisticado, propiciador de uma alta qualidade sonora, com várias possibilidades de controle por parte do usuário, inclusive com um contador que permitia ao pesquisador localizar, na prática, com precisão, todo e qualquer ponto no interior de uma gravação; e o outro, um gravador modesto, comum. Pensei em utilizar ambos para gravação e audição, mas com finalidades diferentes. O primeiro gravador foi usado para gravação e audição das produções linguísticas na língua indígena sob análise, sendo que a audição não estava destinada apenas a mim, mas também, em determinados momentos, a consultores nativos com os quais eu estudava, em separado com cada um deles, a produção textual Ticuna gravada, sendo que esses últimos consultores não eram os mesmos com os quais eu havia realizado a gravação, nem se encontravam necessariamente na mesma aldeia em que essa gravação havia se efetivado. Quanto ao segundo gravador, esse era utilizado para o registro das explicações, interpretações que me eram fornecidas pelo consultor nativo sobre os trechos que ele próprio ouvia na língua indígena em questão. A novidade nesse trabalho foi o fato de que optei por entregar o comando da tecla de pausa do gravador UHER ao consultor nativo que ouvia a gravação registrada nesse mesmo gravador. Ou seja, quem realizava as secções, recortando o texto original era o falante nativo que o ouvia e interpretava, sendo que eu tinha condições de verificar, no momento em que a tecla de pausa era acionada, o contador do gravador e, com isso, podia anotar as indicações constantes desse último e, conseqüentemente, registrar os pontos de corte efetuados pelo falante nativo. Esta estratégia de trabalho, intuitiva e aparentemente simples, levou a um resultado interessante, entre outras coisas, para questões de tradução.

Nas sessões de estudo de texto com o consultor nativo, cada trecho recortado pelo mesmo era objeto, primeiro, de uma tradução livre, a partir da qual surgiam os questionamentos sobre o que estava ou não materialmente no texto que pudesse justificar a primeira tradução fornecida. Eu perseguia a interpretação de um falante nativo, ao mesmo tempo em que verificava, no texto original, a materialidade que podia sustentá-la, assim como as suas condições de produção, o contexto linguístico, social e histórico passíveis de vínculo com tal interpretação. Esse foi (e é) um trabalho moroso, mas que acredito ter me deixado mais perto do texto original e da tradução de termos conceptuais na língua alvo da análise. Com esse primeiro passo, pude alcançar a tradução completa de uma longa narrativa, respeitando o movimento retórico do original. E pude compreender um pouco mais não só os mecanismos gramaticais que estruturam o léxico da língua estudada, mas também tornar menos rasa, para mim mesma, a parte enciclopédica desse léxico. E, com esse mesmo primeiro passo, pude testar, bem mais tarde no tempo, frente a conjuntos de falantes, inclusive numerosos, os meus próprios procedimentos, tendo sido confirmado muito do que eu havia feito no início da minha pesquisa. Mantenho esse modo de me aproximar de um texto original em língua indígena até hoje, considerando-o útil e interessante em termos de seus resultados. Um desses resultados encontra-se

⁷Gravador patrimoniado, pertencente ao Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ.

materializado no livro *Tchorü düüüca' tchanu 'Minha luta pelo meu povo'*, lançado em março de 2015, em coautoria com indígenas, pela Editora da Universidade Federal Fluminense (UFF) e com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Falar desse livro, que é resultado de anos de trabalho, significa falar não só dos resultados de um trabalho de tradução, mas também da apropriação, por parte de falantes nativos de uma língua indígena, de instrumentos da Linguística (e alguns de seus raciocínios). Significa também falar de acervo em espaço museológico. Em outros termos, o livro reflete uma experiência interessante – e a meu ver importante – de faces que se articulam na elaboração de um material que não é apenas didático. Para falar dessa articulação, retomo aqui brevemente a história do trabalho que redundou no livro mencionado.

Há muitos anos atrás, em minha primeira pesquisa de campo na região norte do país, ao iniciar o meu estudo da língua Ticuna (ou Tikuna), falada pelo mais numeroso povo indígena na Amazônia brasileira, coletei, na aldeia Vendaval, município de São Paulo de Olivença, no estado do Amazonas, uma narrativa especialmente importante: a história de vida do líder Pedro Inácio Pinheiro, narrada por ele próprio em sua língua materna. Com aparência de discurso autobiográfico, essa narrativa na língua Ticuna se coloca no nível de um texto político, fundamental para a compreensão da história recente do povo Ticuna a partir de uma ótica interna ao grupo e dos processos de significação intrinsecamente ligados à materialidade linguística constitutiva do próprio texto original.

Nos meses seguintes àqueles em que realizei a gravação da narrativa, dediquei-me à análise linguística do texto, tendo por preocupação alcançar uma tradução linguisticamente apropriada e próxima do movimento retórico existente no original – do modo como descrevi anteriormente. Desse primeiro momento de abordagem da narrativa, resulto uma primeira tradução de toda a narrativa, tradução essa que, operando com efeitos de sentido entre locutores, nada tinha de literal.⁸ O resultado do trabalho efetuado nesse primeiro grande momento foi formalmente entregue ao próprio narrador e àquele que primeiro representou a narrativa sob forma escrita. Também circulou informalmente durante alguns anos no interior da comunidade constituída por pessoas interessadas em línguas e grupos indígenas.

O segundo momento relativamente ao estudo da narrativa em tela e sua tradução se deu quando a introduzi no Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto Solimões. Nas etapas de janeiro e julho de 2008 desse curso, o texto foi multiplicado e revisto, sob minha supervisão, por cerca de 250 professores Ticunas⁹ bilíngues. Aqui a questão da tradução se recolocou a partir de um tratamento que tomou o texto como

⁸ Sob essa ótica, como já havíamos antecipado em passagem mais acima, fica descartado o sentido literal e, portanto, eliminada a tradução literal.

⁹ Em reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), ocorrida em 1953, chegou-se a uma convenção sobre o uso dos nomes de povos e línguas indígenas. Como parte dessa convenção, tem-se que tais nomes seriam sempre usados no singular e sem variação de gênero (ou seja, com invariabilidade na forma). Acompanhando a maioria dos especialistas, costumamos seguir essa mesma convenção. No entanto, reservamos uma prática diferente da convencional para aquelas situações em que já se tem um uso consagrado, como é o caso de “professores Ticunas”, expressão encontrada, por exemplo, no nome da organização indígena que cobre o conjunto dos professores dessa etnia – *Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues (OGPTB)*.

um todo e previu sua utilização, sobretudo, nas escolas Ticunas. Cada professor-revisor contou com um exemplar do texto, tendo havido grupos de trabalho sobre o mesmo. Muito do que havia sido feito em termos de tradução em 1984 se confirmou em 2008. Notas explicativas sobre o universo Ticuna foram especialmente introduzidas para aqueles que têm o Português como língua materna e que lerão o texto unicamente a partir de sua tradução. Notas que contemplam a variação linguística ganharam um lugar no texto escrito em Ticuna, porque isso é importante não só para os professores Ticunas, mas para todos os falantes da língua, que habitam uma área que, ao todo, é bastante extensa. Em outros termos, as notas nas duas línguas se configuraram em função de dois grupos de leitores, não sendo traduzíveis entre si. É importante registrar que, ao contemplar a variação linguística sob a forma de notas e ao tê-la também consubstanciada na própria narrativa original, o texto tornou-se um material relevante para o estudo da variação intralinguística e, sobretudo, para o estudo da mudança nas línguas e para o percurso histórico dos povos que as falam.

Como edição bilíngue, este livro apresenta páginas na língua indígena em foco - em Ticuna e em Português (o que também se dá em outras publicações bilíngues), com páginas colocadas lado a lado. O diferencial está em que, conforme o projeto original, a tradução respeita e procura mostrar a beleza do texto em Ticuna (mesmo quem não sabe ou conhece o Ticuna poderá perceber isso). No livro estão imagens (fotos, mapas, ilustrações) que remetem ao universo Ticuna e se encontram articuladas à história narrada. A título de exemplo dessas afirmações trazemos aqui determinadas páginas do livro.

-Tchamanaãcü, nucüma i nori i tchama - cüana¹? - tchoũ nangema² ya tchaunatü, natürü tchama rü Tunetüwa tchaya, Tunetücüã' tchi'î i tchama, natürü mu'ũma i duũũgü rü tama nüũ nacua'ega na nhunhaãcü nayi' iũ i tchorü maũ rü tchorü bu, na ngeta na tchabuũ; tchama tchabu *cüana* i nagu i tunetü, ngema nu'cümaũtchima ngeta Yo'í tũũ i pogüũwa, ngema Eware nawa ngemaũ i tunetügu tchabu i tchama.

¹ Wüiguũ i dea: *cüana*, *cümana*, *cüna*, *cüã*, *cü*.

² Wüiguũ i dea: tchoũ nangema, tchona nangema.

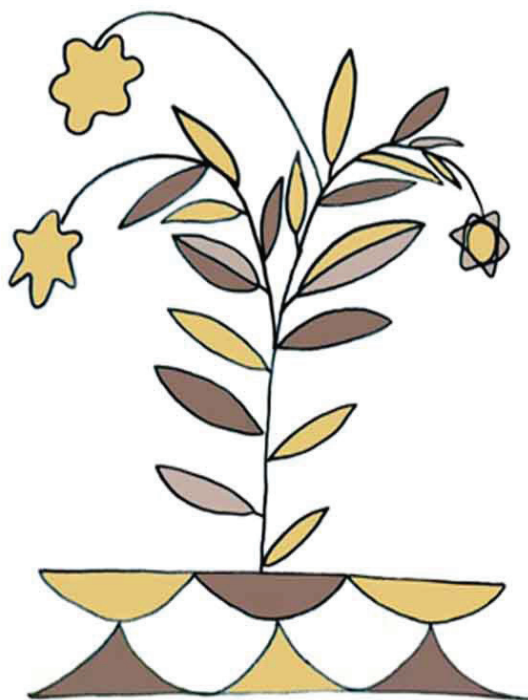
Eu mesmo, antigamente existia meu pai para mim, não é mesmo? Então eu me criei no Tunetü¹, sou natural do Tunetü, mas muitas pessoas não sabem como é minha vida e minha infância e onde eu nasci. Eu nasci no Tunetü, aquele onde há muito tempo Yo'í nos pescou, no Eware², dentro do Tunetü, nasci eu.

¹**Tunetü** significa 'igarapé da derrubada' (derrubada de uma árvore, arupane 'louro').

²**Eware** é o local mítico de origem de todos os Ticuna.



Lá comigo na casa dele ficou cinco anos e de novo comigo ele voltou, nesse tempo aqui na área de novo comigo ele chegou, naquele tempo de novo aqui, na terra, comigo ele chegou. Então naquele tempo eu não estava querendo saber onde ele estava, o meu pai. Além disso, todas as coisas nele eu via, como ele (o patrão) vivia e eu não tinha conhecimento de como eu vivia.



Detalhe de máscara utilizada no Ritual da Moça Nova

Acervo: Setor de Etnologia – Museu Nacional/UFRJ

Número de registro: 32.689

Coletor: Curt Nimuendajú (1941).

Características maiores presentes no livro podem ser apontadas e exemplificadas a partir das páginas do livro aqui exibidas (ao mencionar os exemplos, indicamos as páginas do próprio livro (L) em que os mesmos se encontram).

- (a) tradução linguisticamente apropriada e próxima do movimento discursivo existente no original;
- (b) exploração das possibilidades estilísticas do Ticuna, em benefício do acesso por parte de quem tem o Português como língua materna;
- (c) existência de notas explicativas nas duas línguas, configuradas em função de dois grupos de leitores, não sendo traduzíveis entre si;
- (d) acolhimento da variação linguística e de faces representativas do universo Ticuna pertencentes a espaços e tempos diferentes.

Exemplos da característica apontada em a) se encontram nas páginas 12 e 13 (L) exibidas, que, na publicação em causa, se encontram lado a lado, com o texto em Ticuna e sua tradução correspondente em português. Aí é possível notar que há uma preocupação em tornar a tradução discursivamente próxima do texto original, respeitando-se o modo Ticuna de dizer e elaborar um texto, sem que o próprio português (língua alvo da tradução) seja desrespeitado.

Quanto à característica em b), essa possui exemplo nas mesmas páginas 12 e 13 (L) e também na página 23 (L), em que exibimos, propositalmente, apenas a tradução em português. Vinculadas, principalmente, à ordem de palavra, as possibilidades exemplificadas em 12 e 13 (L) não derivam de necessidades impostas pela sintaxe da língua Ticuna, mas dos elos estabelecidos entre a escolha de determinadas formas/construções linguísticas e seus 'efeitos no interior de um texto tomado como superfície linguística – efeitos esses que a tradução busca acompanhar. É o caso, por exemplo, de *tchama tchabu 'eu nasci'* e *tchabu i tchama 'nasci eu'* – páginas (12) e (13) (L).¹⁰ Já na página 23 (L), a tradução permite que - a partir das repetições que paulatinamente se fazem acompanhar da introdução de novas informações - o leitor, ao acessar o texto com base apenas no português, possa ter uma ideia de como o próprio texto em Ticuna se encontra construído (razão pela qual omitimos aqui, propositalmente, a parte original em Ticuna a que corresponde a tradução que aparece em 23 (L)).

No que diz respeito à existência de notas explicativas e ao acolhimento da variação linguística (características respectivamente apontadas em c) e d)), essas também têm a sua exemplificação em 12 e 13 (L). As notas que se encontram no texto traduzido (13 (L)) servem ao leitor que acessa o texto a partir do português e que necessita de determinadas informações sobre o universo (multiverso) Ticuna. Já as notas na parte em Ticuna dizem respeito, sobretudo, à variação linguística no interior da grande área Ticuna - um ponto ao qual os próprios falantes de Ticuna atribuem, cada vez mais, importância. Há ainda, na parte em Ticuna, notas explicativas sobre a adaptação (parcial ou não) de empréstimos a essa língua, com indicações, sempre que possível, de formas linguísticas nativas alternativas ao próprio empréstimo focalizado. No caso de 12 (L), as notas em Ticuna cobrem a variação a que está sujeito um determinado operador discursivo (*cūmana 'não*

¹⁰ Para a relação entre ordem de palavra (ordem de constituinte) e mecanismos gramaticais em Ticuna, veja-se Soares (2000).

é mesmo?’) e as possibilidades de flutuação na marcação de caso para uma forma clítica de primeira pessoa que, no texto, aparece traduzida como ‘*para mim*’). Esses exemplos mostram que as notas explicativas no campo das duas línguas não são traduzíveis entre si, servindo a finalidades e a grupos de leitores diferentes.

Com relação ao acolhimento de faces representativas do universo (multiverso) Ticuna pertencentes a espaços e tempos diferentes (característica também apontada em d) acima), é importante registrar que uma dessas faces diz respeito à cultura material Ticuna, que se faz representar na publicação não só por objetos que integram a vida cotidiana, fotografados em área indígena, mas também por aqueles objetos (e seus detalhes) que hoje se encontram abrigados em espaço museológico, em especial no Setor de Etnologia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ (veja-se, a propósito, o detalhe de objeto representado em 23 (L)). Uma outra face está nas fotos tomadas por Curt Nimuendajú por ocasião de suas pesquisas junto aos Ticuna, em um tempo que já ultrapassa sete décadas. Parte do acervo do Centro de Documentação de Línguas Indígenas do Museu Nacional (CELIN – Linguística/MN/UFRJ), tais fotos são especialmente significativas para os Ticuna, porque habitualmente longe dos olhos dos membros do grupo indígena que as inspirou. Distantes no espaço e no tempo, tais faces são caras ao povo Ticuna e compõem um todo com o texto narrado.¹¹ Como exemplo da articulação das diferentes faces em jogo no livro em questão, voltamos a mencionar aqui a parte de abertura do texto (páginas 12 e 13 (L)): nesta o narrador, em termos da estruturação do próprio texto, providencia uma contiguidade entre o seu nascimento e o local de origem mítica do povo Ticuna – o que abre espaço para que seja estabelecida uma série de elos com narrativas míticas e suas faces.

2. Acervos

Em um trabalho voltado para a diversidade linguística no Brasil e políticas para acervos linguísticos, afirmamos que:

A armazenagem de documentos e a constituição de arquivos é uma questão que se confirmou, ao longo do tempo, como de grande importância para diferentes nações. Do ponto de vista histórico, essa importância não está ligada primordialmente à simples repetição de gestos como copiar, transcrever, extrair, classificar, indexar, codificar.

Presos à ilusão da transparência da linguagem, ao engano da transparência do sentido, esses gestos repetitivos implicam o apagamento das leituras que lhes dão origem e pretendem, com isso, uma suposta apreensão dos fatos. Ultrapassando esse tipo de ilusão, vamos dizer que, do ponto de vista histórico, a armazenagem de documentos e a constituição de arquivos ganham em importância na medida em que, interrogando-se os documentos, pode-se, em um gesto de leitura explicitado, interpretar, atribuir sentido ao que antes não revelava sentido ou possuía outras interpretações. E, pela via do sentido (re)atribuído, realizar outros recortes, outros gestos de extração/busca de dados e, dessa forma, promover recategorizações, reindexações, recodificações que, por sua vez, possam levar à produção de novas leituras, novas interpretações (Soares 2011: 178).

¹¹ Especificamente no caso de fotografias em acervo museológico, interessam-nos suas possibilidades de repercussão junto aos próprios grupos indígenas cujos membros se encontram aí representados.

Retomada em Soares (2012: 340), essa mesma afirmação se constituiu aí em passo importante para a abordagem da articulação entre saberes e a constituição de memórias. Aqui ela nos serve como ponte para falar do estudo da face etnológica de itens de cultura material em acervos associado à sua dimensão linguística. Vamos fazê-lo a partir de uma determinada dimensão linguística – a do léxico -, mostrando como a interpretação e a atribuição de sentido puderam ser encontradas na articulação de um acervo etnológico específico com um dado inventário lexical. No caso, nosso exemplo aqui envolve a Coleção Curt Nimuendajú do Museu Paraense Emílio Goeldi e uma mídia digital na qual os resultados de um estudo dessa Coleção se fazem presentes: o CD-Rom *Magüta arü Inü*. Jogo de Memória – Pensamento Magüta, organizado, em 2003, por Priscila Faulhaber¹² e no qual tive o prazer de participar como coordenadora da parte linguística, trabalhando, sobretudo, na elaboração de um inventário lexical relacionado a essa Coleção (Soares 2003a, 2003b).

Um inventário pode ser uma lista, uma relação ou enumeração mais ou menos minuciosa de coisas, segundo uma determinada ordem, para registro, fixação ou recordação. Aplicado às palavras de uma língua, um inventário pode ser uma simples relação de palavras dessa língua. No entanto, sendo lexical e encontrando-se associado ao que é etnológico, sua diferença se constrói nessa associação. E, ao ser lexical, pode ser entendido a partir da palavra léxico.

O léxico é o conhecimento internalizado que os falantes têm do mundo de palavras constituído em sua própria língua. Esse conhecimento engloba as palavras da língua, seus usos, as suas possibilidades de emprego em sentenças da língua, os sentidos que essas palavras podem desencadear. Abarca igualmente as correspondências que se estabelecem entre as palavras – correspondências entre sentidos, formas e sons.

O léxico é ainda o lugar em que se lida com categorias e no qual podem ser encontradas a história linguística e mudanças que atingiram ou têm sua atuação em curso junto ao grupo de falantes de uma língua – mudanças que podem estar fora da língua, mas que a língua reflete. Assim, de qualquer ponto de vista que se olhe para o léxico, não será possível ignorar o mundo de seus falantes, a decodificação da experiência por um dado conjunto de falantes.

Como o inventário de que tratamos é lexical, esse traz consigo os sentidos desencadeados pela palavra léxico – o que significa, entre outras coisas, que traz uma determinada codificação da experiência.

Por envolver a Coleção Curt Nimuendajú do Museu Goeldi, o inventário lexical presente no CD-Rom *Magüta arü Inü* possui uma face etnológica cuja maior exigência é a do dinamismo: as peças coletadas por Curt Nimuendajú são parte da realidade Ticuna, construída ao longo do tempo e atualizada, dia a dia, em um processo constante.

¹² O CD-Rom *Magüta arü Inü*. Jogo de Memória – Pensamento Magüta (Faulhaber 2003) recebeu o prêmio Rodrigo de Melo Franco de Andrade (IPHAN-2003), na categoria inventários e acervos de pesquisa.

Assumindo a sua face lexical e a sua dimensão etnológica, o inventário lexical apresentado no CD-Rom em questão não possui a amplitude e determinados detalhes de um dicionário. No entanto, é resultado de um processo de que participaram ativamente falantes da língua Ticuna. Para capturar a construção contínua da realidade Ticuna, à medida que cada item de cultura material do acervo Curt Nimuendajú era exposto e filmado, durante os meses de novembro e dezembro de 2002, no espaço da Reserva Técnica do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, a avaliação de seus detalhes por um grupo de falantes Ticunas foi continuamente gravada. Com isso, foi possível realizar dois tipos de captura. Primeiramente, as gravações capturaram os momentos de elucidação de dúvidas de pesquisadores sobre detalhes técnicos referentes a cada item avaliado – elucidação sempre realizada pelos Ticunas presentes. Em segundo lugar, as gravações capturaram os diálogos espontaneamente travados pelos participantes Ticunas em sua própria língua, diálogos esses suscitados pela visão de cada item de cultura material, sendo que a gravação desses diálogos foi, em boa parte do tempo, conduzida pelos próprios falantes nativos da língua Ticuna. Esse segundo tipo de captura foi o mais relevante para a construção do inventário lexical: as palavras constantes do inventário foram retiradas a partir do que os falantes consideravam como relevante após ouvir as gravações que continham seus próprios diálogos. Um resultado positivo desse tipo de procedimento é que, se detalhes de descrição técnica relacionada a termos em Ticuna podem ser reencontrados no inventário lexical, também podem ser aí encontradas aquelas palavras que se situam no campo da produção de sentido de um determinado item de cultural material sem, no entanto, estarem imediatamente vinculadas à descrição técnica. Ou seja, o inventário lexical também mostra as palavras “invisíveis”, aquelas associadas a um item de cultura material mas que esse, sozinho, sem a construção dos falantes, não é capaz de mostrar. E é essa construção que dá acesso à realidade Ticuna.

No CD-Rom *Magüta arü Inü*. Jogo de Memória – Pensamento Magüta, as palavras do inventário lexical aparecem em ordem alfabética, representadas na escrita que vem sendo utilizada pelos Ticunas do lado brasileiro e com vinculação à Coleção Ticuna do Museu Paraense Emílio Goeldi, acervo a que foram associadas. Na escrita em Ticuna, o tom não se encontra representado e a representação gráfica não dá acesso imediato à pronúncia das palavras se a pessoa não for falante da língua Ticuna. Para se ter uma ideia da pronúncia dos itens lexicais, é preciso ir à galeria de palavras sonoras. As palavras se encontram aí materializadas do ponto de vista sonoro, pronunciadas por dois falantes pertencentes a faixas etárias diferentes e moradores de pontos distantes dentro da área Ticuna: Pedro Inácio Pinheiro (Ngematücü), que já havia, então, se deslocado, como morador, para o Enepü (município de São Paulo de Olivença, Brasil) e estava, na época, próximo dos 60 (sessenta) anos; Abel Santos Angarita (Wotchankü), então com 30 (trinta) anos e que, tendo passado a maior parte de sua vida na comunidade Arara, havia se tornado um morador da cidade de Letícia (ambos os lugares na Colômbia). Quando a pronúncia dos dois falantes mostrou variação dialetal passível de ser apreendida pela representação escrita, isso foi registrado, indicando-se as alternativas de pronúncia por meio de uma barra inclinada no interior do inventário lexical, sendo que a galeria de palavras sonoras também revela essa variação. Quanto à diferença de pronúncia que a representação escrita na língua Ticuna não captura, essa poderá ser percebida somente na própria galeria de palavras sonoras. Em ambos os casos, a variação linguística é prova da vitalidade da língua Ticuna, ao longo de toda a extensão da área em que é falada.

Por fim, para que se possa perceber a conexão entre palavras no interior do inventário lexical, utilizamos não só o recurso da remissão, mas também aquele do negrito, cuja função era mostrar como determinadas palavras se articulavam em uma rede produtora de sentidos. É dessa produção de sentidos que fala esse inventário, reunindo o lexical ao etnológico.

3. Elaboração de material didático em contexto indígena ou uma breve reflexão sobre uma ponte para a Educação

Os trabalhos produzidos e mencionados nas duas seções precedentes possuem condições de serem incorporados como materiais didáticos no contexto indígena a que se encontram visceralmente ligados, podendo ser utilizados, em razão de seus conteúdos, em diferentes disciplinas. Uma sua característica é a de terem tido a sua construção vinculada à participação constante e ativa de falantes que, longe de serem informantes, constituíram-se em sujeitos de atividades de pesquisa, de estudos. A isso se junta o fato de que os trabalhos resultantes se deram com respeito e fidelidade às produções nativas, tendo como suporte sentidos que, produzidos e colocados em circulação, são passíveis de reconhecimento como apropriados por aqueles que são seus destinatários primeiros,¹³ os próprios membros do grupo indígena no interior do qual tais trabalhos encontraram sua motivação e produção. O aproveitamento, porém, desses últimos com o fim de desenvolver conteúdos específicos (e, por conseguinte, sua utilização como canal de contribuição para o estabelecimento de uma relação favorável entre ensino e aprendizado) se coloca na dependência de uma discussão e reflexão sobre o conhecimento a ser ensinado e aprendido. Isso, parece claro, torna necessário o estabelecimento de uma ponte para a Educação e, ainda, faz aflorar uma indagação sobre o próprio papel da constituição do conhecimento a ser ensinado e aprendido. A nosso ver, essa indagação é válida para diferentes áreas de conhecimento em sua relação com a Educação e, em razão disso, pertinente ao se tratar do estabelecimento de uma ponte entre Linguística e Educação em contexto que leve em consideração as línguas indígenas. Supondo que a Educação seja libertadora, esteja ligada à conexão entre conhecimento e poder, a habilidades para tomar atitudes construtivas, em um processo que considere indivíduos e coletividades; e que seja capaz de reconhecer (e minorar ou mesmo eliminar tendências autoritárias e lesivas à humanidade), não é pouco o que a Linguística pode colocar à disposição, em termos de sua contribuição em processos educacionais. No caso indígena, ao lado da valorização das línguas, reconhecidas como parte das riquezas coletiva e imaterialmente possuídas, há experiências que apontam para a constituição de intelectuais indígenas (constituição que já vem se dando há alguns anos, inclusive no âmbito linguístico), sendo que essa constituição não implica, necessariamente, que o intelectual indígena tenha a sua participação reflexiva reduzida ao conhecimento da sua própria língua; na realidade, sua reflexão e contribuição pode

¹³ No caso do livro *Tchorü duü ñgüca' tchanu*. Minha luta pelo meu povo, 600 (seiscentos) exemplares – em uma tiragem de mil exemplares – foram reservados para doação aos professores, ao Museu Magüta, às organizações e escolas Ticuna.

se dar em termos de sua língua (variedade linguística) e daquela(s) do Outro – esteja esse dentro do próprio grupo ou fora dele. Pessoalmente, como linguista, vivenciei experiências que, conjugando o linguístico e o educacional, apontam para algumas coisas mais, entre as quais destaco: a aceitação da convivência e interpenetração entre línguas, além da compreensão da igualdade de sua complexidade pela via analítica (todas as línguas – e suas variedades – possuem esferas de complexidade e, desse ponto de vista, todas as línguas (e suas variedades) merecem e podem ser estudadas). Há ainda um outro ponto a considerar: boa parte das experiências que vivi como linguista em atividade educacional se deram em salas de aula, mas quem conhece a realidade das salas de aula em área indígena e os modos de ser de diferentes grupos indígenas, sabe que a circunscrição espacial dada por uma construção exógena – como escola e salas de aula – não constitui limite para sociedades que, como as indígenas, são constituídas em outras bases. Assim, é frequente, em uma sala de aula/escola em área indígena, espaços de abertura física (janelas, portas (quando essas existem)) e de comunicação com os outros espaços em uma aldeia. Em razão dessa abertura física, é comum haver uma assistência de “não alunos” que se comunicam entre si e com aqueles que se encontram em sala de aula, opinando sobre o desenrolar e os conteúdos, digamos, de uma “aula” e nessa interferindo. Da mesma forma, transcendendo a sala de aula ou nela interferindo, está a avaliação dos membros da comunidade sobre as produções provenientes do que seria um espaço “escolar”. Essa característica, a de interpenetração de determinados espaços – constituídos, via de regra, de forma externa a um dado grupo indígena -, pode, de alguma forma, minorar os riscos de uma escolarização da cultura e da língua e/ou de uma separação radical entre educação indígena e educação escolar indígena. É verdade que há variáveis a considerar, como, por exemplo, o modo e o grau com que comunidades indígenas e/ou seus líderes são afetados por normas, mecanismos disciplinares que, no bojo de discursos educacionais, apontam para “*a dicotomia inclusão/exclusão das línguas no âmbito da constituição identitária do sujeito indígena*”¹⁴ Quanto aos espaços dos usos linguísticos, as perspectivas políticas se ampliaram, de modo que uma língua indígena não necessite estar aprisionada no espaço das aldeias ou mesmo no espaço escolar indígena (territorializada em termos espaciais e de suas funções, como se essas devessem ficar restritas aos assuntos internos à comunidade e sua cultura). Perspectivas políticas um pouco mais amplas combinadas à participação ativa e reflexiva de intelectuais indígenas, ao lado da existência de estudiosos que aceitam o estabelecimento de pontes entre áreas de conhecimento passíveis de colaboração em virtude de um objetivo compartilhado, constituem fatores que certamente contribuem para que se reflita com mais clareza sobre a elaboração de materiais didáticos em contexto indígena e os sentidos que esses colocam em circulação.

¹⁴ Cf. Liss & Tasso (2012: 53-79) que, sob uma perspectiva teórica foucaultiana, têm como objetivo “*demonstrar como a contradição discursiva se instaura no RCNEI [Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998)] e institui identidades aos sujeitos indígenas ao promover o cerceamento das línguas autóctones em um território, propondo funções específicas às línguas indígenas e portuguesa*”.

4. À guisa de conclusão

Iniciamos este texto com algumas questões relacionadas ao movimento dos sentidos e ao problema de sua apreensão em palavras, textos ou mesmo silêncios/gestos de um Outro possuidor de referenciais de representação diferentes e falante nativo de uma língua distinta e afastada, em termos de suas manifestações de superfície, daquela do analista. Após percorrer três lugares propiciadores de encontros na produção de sentidos, explicitando procedimentos que levaram à realização de determinados trabalhos e focalizando a dimensão linguística de modo articulado a outras dimensões permeadas de sentidos, a resposta que alcançamos pode ser formulada de maneira simples, embora seja complexa e rica em termos de seus resultados e caminhos analiticamente percorridos. Nossa resposta é a de que a apreensão não categórica de sentidos, sem aprisionamentos e com minimização dos riscos do engano, em quadros mais afastados do que aqueles em que se move o analista, tornou-se possível ao se empreender um trabalho que, tentando alcançar e entender determinadas produções de sentido, se realizou em parceria com indígenas, em um diálogo que, de alguma forma, envolveu sensibilidades linguísticas e antropológicas.

Referências bibliográficas

- Campbell, Lyle (1997). *American Indian languages: The historical linguistics of native America*. Oxford: Oxford University Press.
- Carvalho, Fernando Orphão de (2009). On the genetic kinship of the languages Tikúna and Yuri. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 1(2): 247-268.
- Faulhaber, Priscila. (org.) (2003). *Magüta arü Inü. Jogo de Memória - Pensamento Magüta*. 1 CD-Rom. Belém, Museu Goeldi/MCT.
- Kaufman, Terrence (1994). The native languages of South America. In Christopher Moseley; Asher, R. E. (eds.). *Atlas of the world's languages*, pp. 46-76. London: Routledge.
- Liss, Margarida; Tasso, Ismara (2012). Bilinguismo e subjetivação do indígena no espaço escolar: difrações da contradição discursiva. In Pedro Navarro; Sírio Possenti (orgs.). *Estudos do texto e do discurso. Práticas discursivas na contemporaneidade*, pp. 53-80. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Nimuendajú, Curt (1952). The Tukuna. *University of California Publications in American Archeology and Ethnology*, vol. 45: 1-209. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Saramago, José (1998). *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Soares, Marília Facó (1991). Aspectos suprasegmentais e discurso em Tikuna. In Eni Orlandi (org.). *Discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade*, pp. 45-138. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Soares, Marília Facó (2000). *O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica*. Volume I: *Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Soares, Marília Facó (2003a). Acervo etnológico e inventário lexical. In Priscila: Faulhaber (org.). *Magüta arü Inü. Jogo de Memória - Pensamento Magüta*. 1 CD-Rom. Belém, Museu Goeldi/ MCT.

- Soares, Marília Facó (2003b). Galeria de palavras. In Priscila Faulhaber (org.). *Magüta arü Inü. Jogo de Memória, Pensamento Magüta*. 1 CD-Rom. Belém, Museu Goeldi/ MCT.
- Soares, Marília Facó (2008). Língua/linguagem e tradução cultural: algumas considerações a partir do universo Ticuna/ Language and cultural translation: some thoughts from the point of view of Ticuna universe. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas*, vol, 3: 51–63.
- Soares, Marília Facó (2011). Diversidade de línguas no Brasil e políticas para acervos linguísticos. *UniverSOS. Revista de Lenguas Indígenas y Universos Culturales* 8: 69-185.
- Soares, Marília Facó (2012). Som, significado e sentido: uma reflexão sobre acervos, fronteiras e construção de memórias a partir da pesquisa linguística. In Priscila Faulhaber; Heloisa Maria Bertol Domingues; Luiz C. Borges (orgs.). *Ciências e fronteiras*, pp. 329-346. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins.
- Soares, Marília Facó; Pinheiro, Pedro Inácio (Ngematücü); Carmo, Reinaldo Otaviano do (Mepawecü); Professores Ticunas (2014). *Tchorü duũügüca tchanu. Minha luta pelo meu povo*. Niterói: Editora da UFF.

Recebido 7/3/2017

Versão corrigida: 27/4/2017

Aceito: 2/5/2017